

PE-057 - O AUMENTO DA OBESIDADE INFANTIL EM MEIO A PANDEMIA DA COVID-19: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Georgia de Assunção Krauzer¹, Bruna Frizzo Salvador¹, Davi Rodrigues Prietsch¹, Matheus de Souza Zimmer¹, Larissa Hallal Ribas¹

1 - Universidade Católica de Pelotas, UCPEL.

Introdução: Obesidade infantil é um problema de saúde pública que aumentou substancialmente com a pandemia da COVID-19. Fatores físicos, nutricionais e psicossociais promoveram um ambiente obesogênico sem precedentes. Assim, o objetivo deste estudo é realizar uma revisão da literatura mundial sobre a relação da pandemia da COVID-19 com o aumento da obesidade infantil. **Metodologia:** Revisão sistemática de literatura, realizada em abril de 2021, no PubMed e na Biblioteca Virtual de Saúde. Utilizou-se os descritores *obesity in children* e COVID-19. Foram elegíveis os estudos que avaliaram a relação do aumento da obesidade infantil com a pandemia da COVID-19. **Resultados:** Foram encontrados 247 títulos. Destes, 38 foram selecionados, 20 resumos foram lidos e elegeram-se 5 artigos para o estudo. Dentre os artigos selecionados, observou-se que a pandemia da COVID-19 aumentou comportamentos obesogênicos, como sedentarismo, sono irregular e aumento do tempo de tela devido às aulas online. A restrição de mobilidade pelos lockdowns e o acesso limitado a alimentos frescos culminou na exposição das crianças a dietas desfavoráveis, baseadas em ultraprocessados. Famílias com redução de renda durante a pandemia compraram mais alimentos ultraprocessados e com alto teor calórico, devido ao menor preço. Verificou-se que o risco de obesidade é maior quando as crianças estão fora da escola. Falta de contato pessoal, sentimentos de frustração, ansiedade e tédio foram identificados como fatores estressores, levando ao aumento da ingestão de alimentos não saudáveis. **Conclusão:** Reconhecer os efeitos adversos da pandemia da COVID-19 é importante para promoção de medidas que minimizem os impactos sobre a obesidade infantil. É fundamental orientar os pais a escolherem alimentos saudáveis, mesmo com o orçamento limitado, a supervisionar tempo de tela e a promover atividades físicas dentro de casa.

PE-058 - PANORAMA EPIDEMIOLÓGICO DOS PACIENTES PEDIÁTRICOS COM COVID-19 NO RIO GRANDE DO SUL

Bianca Brinques da Silva¹, Carolina Iglesias¹, Rebeca Delatorre Fonseca¹, Bernardo Neuhaus Lignati¹, Lana Caroline Palaver Dall Ago¹, Fabiana Roehrs¹, Cristiano do Amaral de Leon¹

1 - Universidade Luterana do Brasil, ULBRA.

Introdução: A infecção pelo SARS-CoV-2 apresenta-se de forma leve ou assintomática na grande maioria dos pacientes pediátricos, mas lamentavelmente existem casos que deterioram e ocasionam óbitos. **Método:** Os dados são referentes ao período de fevereiro/2020 a abril/2021, e foram extraídos do Painel Coronavírus RS, o qual utiliza como fontes os sistemas do Ministério da Saúde de notificação e monitoramento da doença e o Sistema de Informação da Vigilância Epidemiológica da Gripe, utilizados pelos serviços público e privado. **Resultados:** Foram encontrados 88.581 casos, 9,6% dos casos gerais de COVID-19. Destes, 50 pacientes vieram a óbito, resultando em uma letalidade de 0,06%. A faixa etária que apresentou a maior taxa de casos de SARS-CoV-2 foi a de 15 a 19 anos (45,80% dos casos totais pediátricos), seguido por 10 a 14 anos (20,24%), 5 a 9 anos (15,55%) e 1 a 4 anos (12,92%), sendo a menor taxa nas crianças menores de 1 ano (5,49%). Dos sintomas analisados (febre, tosse, dor de garganta, dispneia e outros), os mais prevalentes foram: febre (33%) e tosse (32%), seguidos de apresentaram dor de garganta (30%), dispneia (7%) e outros sintomas (47%). De acordo com a faixa etária, a febre prevaleceu para crianças de 1 a 4 anos (35,83%) e de 5 a 9 anos (30,01%) e dor de garganta para os grupos de 10 a 14 anos (31,31%) e de 15 a 19 anos (38,77%). **Conclusão:** A análise dos dados relacionadas à literatura concluiu que a população pediátrica com infecção por SARS-CoV-2 que teve como complicação a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) aumentou exponencialmente a taxa de letalidade, de 0,06% para 8,2%. Outra comparação realizada foi a da sintomatologia, assim como no RS, a febre foi o mais prevalente em crianças da Europa, ao passo que na China a febre foi o quarto sintoma mais prevalente.